O CAMINHO PARA A TRANSIÇÃO VERDE

TALITA PRISCILA PINTO*

Nas últimas reuniões do G20, debateu-se quão centrais são a bioeconomia e o agronegócio no enfrentamento das crises climáticas e na busca por um futuro mais inclusivo. Nesse sentido, tenta-se responder à necessidade de equilíbrio entre produção e conservação. Essencial no processo de transição energética, a bioeconomia enfrenta os desafios de atender as crescentes demandas internacionais por soluções sustentáveis. Já o agronegócio enfrenta os desafios de alimentar a crescente população mundial sem comprometer o meio ambiente. Com um potencial tremendo, resta saber se a intersecção entre bioecomomia e agro no Brasil será capaz de aproveitar a oportunidade em mãos para liderar o mundo em direção a um novo paradigma de crescimento.

NAS ÚLTIMAS três décadas, a bioeconomia e a agricultura têm se tornado componentes essenciais na agenda global de desenvolvimento sustentável. Durante o último mês, o G20 – fórum que reúne as vinte maiores economias do mundo – intensificou os debates sobre a importância dessas áreas no enfrentamento das crises climáticas e na busca por um futuro mais resiliente e inclusivo. No Brasil, sede do recente encontro de Grupos de Trabalho (GTs) focados em agro e bioeconomia, os diálogos foram moldados por uma urgência crescente: como promover um setor agropecuário que seja produtivo e, ao mesmo tempo, alinhado às exigências de descarbonização?

BIOECONOMIA COMO ALTERNATIVA EM DISCUSSÃO NO G20

Ao longo das últimas reuniões do G20, ficou evidente o papel crítico que a bioeconomia desempenha no processo de transição energética. Entretanto, o seu escopo vai além do setor energético, envolvendo a produção de insumos agrícolas sustentáveis – que substituem, total ou parcialmente, produtos químicos por biofertilizantes e biopesticidas – e, também, a criação de cadeias produtivas de alimentos que priorizem a sustentabilidade. Essa abordagem está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Organização das Nações Unidas (ONU), que exigem que os países avancem em direção a sistemas de produção mais inclusivos e ambientalmente responsáveis.



SHUTTERSTOCK

Simultaneamente, os desafios persistem. A bioeconomia oferece uma alternativa promissora, baseada no uso de recursos renováveis para gerar novos produtos e serviços. Mas como podemos alinhar sua expansão com as metas de mitigação climática? Esse tem sido o ponto central das discussões nos GTs de bioeconomia, nos quais líderes, acadêmicos e representantes do setor privado têm se debruçado sobre as políticas e as práticas que podem impulsionar essa transformação.

A utilização de biomassa para a produção de biocombustíveis e bioplásticos, a valorização de resíduos agroindustriais e a integração de práticas regenerativas na agricultura foram os principais tópicos das últimas semanas. A urgência de criar cadeias produtivas mais eficientes e menos intensivas em carbono permeou

os diálogos, especialmente no contexto das metas do Acordo de Paris, ao qual o G20 tem se comprometido fortemente.

Nesse ponto, a experiência do Brasil com o etanol de cana-de-açúcar, a produção de bioenergia e as iniciativas em agricultura de baixo carbono (ABC) destacam-se como exemplos de sucesso. Mas o País ainda enfrenta o desafio de escalar essas iniciativas de forma a atender não só o mercado doméstico, mas também as crescentes demandas internacionais por soluções sustentáveis.

AGRONEGÓCIO E INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS EM PAUTA

O agronegócio, por sua vez, foi amplamente discutido nos GTs do G20 sob a ótica da segurança alimentar, da eficiência produtiva e das mudanças climáticas. O Brasil, sendo um dos maiores exportadores mundiais de *commodities* agrícolas como soja, milho e carne bovina, apresentou a sua experiência com sistemas integrados, como a integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF), um modelo que tem sido adotado como referência global para uma produção sustentável.

Além disso, a última reunião, considerada um marco, lançou as bases para a Declaração Ministerial do G20, prevista para ser apresentada na Cúpula de Líderes do G20, em novembro próximo, no Rio de Janeiro. A Declaração busca

BIOECONOMIA E AGRONEGÓCIO: ENORME POTENCIAL

A bioeconomia, que abrange atividades econômicas baseadas no uso sustentável de recursos biológicos, destaca-se como um conceito que abarca setores como alimentos, bioenergia, insumos agrícolas e produtos de consumo, todos voltados ao uso eficiente e sustentável dos recursos naturais. Essa abordagem, que visa substituir combustíveis fósseis por fontes renováveis, reduz emissões de carbono e promove a conservação da biodiversidade.

O agronegócio, um pilar da economia global, é visto – junto com a bioeconomia – como um motor de crescimento. A cadeia é fundamental para a segurança alimentar, a sustentabilidade agrícola e a adaptação às mudanças climáticas.

A intersecção entre a bioeconomia e o agronegócio, especialmente nos contextos de sustentabilidade, inovação tecnológica e economia circular, está reconfigurando as metas do G20 e reposicionando o Brasil como um *player*-chave.



SHUTTERSTOCK

consolidar compromissos formais dos países em relação à sustentabilidade agrícola, promovendo a inovação tecnológica no campo e criando um ambiente favorável ao comércio internacional de produtos sustentáveis.

No entanto, os desafios são consideráveis. Um dos principais temas abordados foi a necessidade de descarbonizar a produção agrícola, equilibrando a expansão da fronteira agrícola com a preservação dos biomas. A partir de modelos quantitativos e estudos científicos publicados, fica claro que a agricultura brasileira, apesar de eficiente em termos de produtividade, ainda precisa de investimentos massivos em tecnologia e infraestrutura. A tecnologia de monitoramento por satélite e o uso de ferramentas como o GHG Protocol Agricultura, amplamente adotado na mensuração das emissões dentro da porteira, já estão ajudando a mapear áreas onde há um maior potencial de mitigação de carbono.

Ademais, a crescente demanda por práticas regenerativas e a adoção de inovações tecnológicas, como o uso de *drones* para otimização de irrigação e o desenvolvimento de sementes mais resilientes a mudanças climáticas, são exemplos práticos que foram apresentados pelos GTs como soluções para o setor agropecuário alinhar-se às metas de sustentabilidade global.

NECESSIDADE DE JUNTAR FORÇAS

O Brasil tem o potencial de ser o grande protagonista global da bioeconomia e do agronegócio sustentável. No entanto, o País precisa enfrentar a fragmentação regulatória que limita a integração dessas iniciativas. Uma das propostas emergentes nos últimos GTs é a criação de uma plataforma internacional de cooperação para a bioeconomia, coordenada pelo G20 e liderada pelo Brasil. Essa plataforma uniria governos, setor privado e Academia em um esforço conjunto para criar políticas integradas que estimulem a inovação, atraiam investimentos e garantam que o crescimento desses setores esteja alinhado às metas ambientais globais.

Ainda que os avanços sejam inegáveis, há muito o que fazer para assegurar que o crescimento agrícola e a expansão da bioeconomia brasileira sejam sustentáveis e socialmente inclusivos. O financiamento verde, como os recursos destinados à bioeconomia pelo Plano de Transformação Ecológica (PTE), do Ministério da Fazenda, será essencial para que o País desenvolva uma base econômica sólida, mas alinhada às metas climáticas. Ao mesmo tempo, o Brasil precisa fortalecer as suas instituições, garantindo que haja transparência e eficácia em suas ações e projetos.

"O Brasil tem o potencial de ser o grande protagonista global da bioeconomia e do agronegócio sustentável. No entanto, o País precisa enfrentar a fragmentação regulatória que limita a integração dessas iniciativas."

NOVO PARADIGMA POSSÍVEL PARA O MUNDO

O impacto das decisões tomadas pelos GTs do G20 nas últimas semanas vai além das fronteiras nacionais. A bioeconomia, com a sua promessa de fornecer soluções para alguns dos desafios mais prementes do século XXI, precisa de marcos regulatórios e instrumentos que incentivem inovação e colaboração internacional. Os países do G20, liderados pelo Brasil nas discussões mais recentes, têm nas mãos a oportunidade de criar um modelo global que combine crescimento econômico com preservação ambiental.

No caso do agronegócio, o Brasil mostrou que é possível ser eficiente, inovador e sustentável ao mesmo tempo. As tecnologias de baixo carbono e as práticas de agricultura regenerativa são exemplos concretos de que o setor pode ser uma parte da solução para a crise climática. Contudo, é necessário um esforço contínuo para equilibrar a produção de alimentos em larga escala com a conservação de recursos naturais. O mundo precisa de um agronegócio que alimente a crescente população mundial sem comprometer o meio ambiente – e o G20 é o fórum ideal para alinhar essas demandas.

O agro e a bioeconomia têm o potencial de redefinir o futuro da sustentabilidade global. O que foi discutido nos últimos trinta dias pelos GTs do G20 em solo brasileiro reforça a importância de o Brasil se posicionar como líder nesses debates. Contudo, o caminho é longo e requer uma combinação de vontade política, investimento em pesquisa e desenvolvimento e, acima de tudo, um compromisso firme com as metas de redução de emissões.

A intersecção entre inovação, economia circular e produção agrícola eficiente será a chave para moldar um futuro sustentável. O Brasil, como potência agrícola e bioeconômica, está na vanguarda dessa transformação. Agora, resta saber se o País será capaz de aproveitar essa janela de oportunidade para liderar o mundo em direção a um novo paradigma de crescimento, no qual a produção e o meio ambiente caminhem sempre lado a lado. ■

Para reconfigurar o futuro da sustentabilidade no mundo, o caminho é longo e demanda uma soma de fatores: vontade política, investimento em pesquisa e desenvolvimento e, sobretudo, um forte compromisso com as metas de redução de emissões de carbono.

*Coordenadora do Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia da Fundação Getulio Vargas (OCBio/FGV)